

TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE DELFIM SANTOS

A vida de Delfim Pinto dos Santos é duplamente exemplar: como lição de admirável força de vontade posta ao serviço duma inteligência de rara agudeza; como testemunho de resistência, por vezes dramática, ao condicionalismo que enreda o intelectual português de espírito europeu. Nasceu no Porto em 6 de Novembro de 1907. Provinha duma família de pequenos burgueses, ainda próxima da condição proletária: o pai conseguira ascender de «oficial» de ourives a modesto industrial do mesmo ramo. (Homem de fino trato, aristocratizado pela cultura, Delfim Santos, quer no proceder cívico quer no ideal pedagógico, não havia de atraiçoar a fecunda humildade das suas origens.) Após a instrução primária, começou a assistir assiduamente aos trabalhos oficinais do pai, a quem, único filho varão, devia coadjuvar e suceder; frequentava ao mesmo tempo o curso nocturno duma escola industrial. Pelos treze anos, aprendeu um pouco de francês e de inglês com um professor particular e descobriu o mundo fascinante da ficção literária; em especial o Ivanhoe de Walter Scott o impressionou, despertando nele o gosto pela História. Inesperadamente, em 1922, a morte do pai obriga-o a assumir, com quinze anos apenas, as responsabilidades de chefe de família, pondo-se à frente da pequena oficina e procurando manter no mesmo nível de suficiência a mãe e a irmã. Um ano depois, por ocasião do segundo casamento da mãe, emprega-se no comércio; e é então que, «contra tudo e contra todos», se propõe estudar, arrostando com os necessários sacrifícios. Em 1926, faz, na primeira época, o exame final da Escola Preparatória de Mouzinho da Silveira e o exame do segundo ano do liceu; na segunda época (em Outubro), o exame do quinto ano do liceu. Fortalecida a confiança em si próprio, termina o curso complementar de ciências, depois o de letras, ambos em 1927, e matricula-se na Faculdade de Letras do Porto, secção de Ciências Histórico-Filosóficas, onde se licencia em 1931, após um curso de extraordinário brilho (obtem em todas as cadeiras classificações que oscilam entre dezassete e vinte valores). Pela vida fora, continuará espiritualmente ligado a essa Faculdade, não deixará de exprimir admiração reconhecida pelos seus mestres, sobretudo por Leonardo

Coimbra, mas também por Teixeira Rego, Luis Cardim, de quem será, até ao fim, devotado amigo, Newton de Macedo e Aarão de Lacerda. Enquanto frequentava a secção de Ciências Histórico-Filosóficas, inscrevia-se em cadeiras de Filologia Clássica e, na Faculdade de Ciências, em cadeiras da secção de Ciências Matemáticas, já então consciente de que aos estudos filosóficos é indispensável o conhecimento do grego e das ciências físico-matemáticas. Como estudante, representou simultaneamente as duas Faculdades no Senado Universitário. Concluídos o estágio e exame, de Estado para professor liceal (1932-34), aperfeiçoou a sua preparação no estrangeiro, como bolseiro da Junta de Educação Nacional (1935-37). Pôde assim, em Viena, estudar Filosofia das Ciências com os Profs. M. Schlick, K. Buehler e Spann e assistir a cursos e conferências de mestres como Husserl, Heisenberg, Frobenius, Piaget e Klages; em Berlim, ouvir lições de N. Hartmann (*Metafísica do Conhecimento*) e E. Spranger (*Pedagogia*); em Londres, onde trabalhou no British Institute of Philosophy e na Aristotelian Society, e em Cambridge, seguir os cursos dos Profs. J. Macmurray, Moore e Broad.

Tendo regressado a Portugal em 1937, no mesmo ano foi nomeado leitor na Universidade de Berlim, onde havia de permanecer até 1942, trabalhando de novo no seminário de Filosofia do Prof. N. Hartmann e tomando contacto directo, em Friburgo, com o pensamento de M. Heidegger. O Conselho da Faculdade de Filosofia ofereceu-lhe o lugar de «Gastprofessor» da Secção de Filosofia. Entretanto, em 1940, doutorava-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, apresentando uma dissertação sob o título de *Conhecimento e Realidade*, e participando nas provas, como arguentes, os Profs. Joaquim de Carvalho e Vieira de Almeida.

1942 é a data do regresso definitivo. Em Janeiro de 1943 ingressa na carreira universitária, como primeiro-assistente de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras de Lisboa. Uma das suas grandes vocações é, sem dúvida, ensinar, quer dizer, suscitar, pelo diálogo, a formação de personalidades autónomas. Ei-lo, pois, num momento da sua vida em que seriam lícitos os melhores augúrios. Aos trinta e quatro anos, na plenitude de dotes intelectuais já amplamente manifestados, com uma variada experiência e um apetrechamento mental invulgar, não lhe serão dados meios e incentivos para exercer no País, na cultura e no ensino, a acção renovadora de que se mostra capaz? Ir-se-á malbaratar uma competência ímpar, que levou tantos anos a construir? Não está o País tão carecido de novas sementes, já na filosofia já na pedagogia? Decerto, Delfim Santos vai fazer uma carreira universitária prestigiosa e será uma presença assídua, dinamizante, na cultura portuguesa, intervindo, de modo vivo e lúcido, pela conferência, pelo artigo, pela entrevista, pelo livro, pela simples conversa. Mas quantas contrariedades, quantas incompreensões, quantas decepções! Como

sentimos hoje que ficou desaproveitado muito do que Delfim Santos tinha para nos dar!

Em 1944, paraninfado pelo Prof. Cabral de Moncada, recebia solenemente, na Universidade de Coimbra, as insígnias doutorais. Até 1947, como segundo-assistente, rege em Lisboa as cadeiras de História da Educação, de História da Filosofia Antiga e de Moral. Vemo-lo professor extraordinário de Ciências Pedagógicas em 1948, após concurso em que foram arguentes os Profs. Oliveira Guimarães e Joaquim de Carvalho. Ascende à cátedra em 1950, ainda como professor daquele grupo. Infelizmente, ao mesmo tempo que se encontra afastado do ensino da Filosofia, no domínio da Pedagogia terá de travar uma luta desgastante e inglória, vítima de estruturas arcaicas aparentemente inabaláveis; as suas mais fundadas ambições – a organização duma licenciatura e dum doutoramento em Pedagogia, a criação dum Instituto de Educação, integrado na Universidade – nunca foram satisfeitas. Nem lhe foi dado dirigir, como qualquer dos seus colegas, um seminário onde formasse discípulos no domínio da investigação. Único português catedrático de Pedagogia, que audiência tiveram as suas reflexões e propostas, num país onde o problema da educação é um problema vital? Nos últimos anos, o seu sorriso triste traduzia bem o cansaço e o desalento. É que a sua meia-frustração era o reflexo dum entorpecimento colectivo. Após quinze anos de actividade docente no grupo de Pedagogia, expressamente lamentava que, por este grupo não estar devidamente organizado e continuar submetido a uma exclusiva finalidade prática, não lhe fosse permitido – a ele, seu catedrático – realizar «a acção formativa e investigativa que é característica da docência universitária».

Em 1955 foi nomeado professor de Psicologia e Sociologia do Instituto de Altos Estudos Militares; reconduzido no cargo em 1958, desempenhou-o até Março de 1962. Em 1957, por incumbência do Ministério da Educação Nacional, visitou os institutos de Educação de Madrid, Paris, Bruxelas, Londres, Francoforte, Heidelberg, Roma e Viena, a fim de estudar os respectivos planos pedagógicos para a formação de professores, com vista à criação em Portugal do sonhado Instituto Superior de Educação. No mesmo ano de 1957 declinou um convite para reger, na Universidade da Bahia, um curso de Filosofia. Em 1959, os colegas do Conselho Escolar da Faculdade de Letras de Lisboa elegeram-no seu representante no Senado Universitário; reeleito em 1962, prosseguiu no desempenho dessa missão até 1965, defendendo com independência e dignidade exemplares, em momentos particularmente difíceis, o que, em consciência, lhe impunha o seu credo pedagógico, assente no respeito pela pessoa humana e no propósito de estreita colaboração entre professores e alunos. Em Maio de 1966 foi nomeado director do Instituto Pedagógico Adolfo Coelho, anexo à Faculdade de Letras de Lisboa.

Em 1962, no Conselho Consultivo de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, em que ingressara no ano anterior, preconizou a criação dum Instituto ou Centro de Estudos de Pedagogia, cujo anteprojecto apresentou em fins de 62. Fundado esse organismo, o Conselho de Administração da Fundação nomeou o Prof. Delfim Santos seu director (Abril de 1963).

Delfim Santos participou em inúmeros congressos nacionais e estrangeiros, neles honrando a cultura portuguesa pelo saber actualizado e pela autenticidade dum pensamento vivo e plástico. Colaborou no Congresso Descartes (Paris) e no Congresso para a Unidade das Ciências (1937); nas comemorações de Kant em Königsberg (1941); no Congresso para o Progresso das Ciências (1943); no II Congresso de Filosofia realizado na Alemanha (Mainz) em 1948; no Congresso Internacional de Filosofia (Amesterdão, 1948); nas comemorações do IV Centenário do Nascimento de Suárez (1948); na «Eranos-Tagung» dedicada aos problemas da psicologia analítica de Jung (Ascona, Suíça, 1948); no I Congresso Nacional de Filosofia realizado em Mendoza, Argentina, em 1949 (foi, por essa ocasião, nomeado membro honorário das seis Universidades argentinas); no I Congresso Brasileiro de Filosofia (São Paulo, 1950); no Congresso Internacional de Filosofia de São Paulo (1954); no I Congresso Nacional de Filosofia (Braga, 1955); no II Congresso Internacional do Ensino Universitário de Ciências Pedagógicas (Florença, 1957); no I Congresso Nacional de Saúde Mental (Lisboa, 1960); no Colóquio Classificado sobre Psicologia para a Defesa promovido pelo Comité Científico da O.T.A.N. (Holanda, 1961), ao qual enviou uma comunicação; etc. Também proferiu numerosas conferências. Pertenceu, como vice-presidente, à direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores. No Verão de 1960 deslocou-se ao Ultramar português, integrado no Curso de Férias promovido em Lourenço Marques e Luanda, registando-se então uma impressionante afluência às suas lições, que andou perto do milhar de ouvintes numa só aula de Pedagogia.

Não faltou a Delfim Santos a homenagem que a Academia das Ciências de Lisboa lhe prestou, ao elegê-lo, em Maio de 1960, seu sócio correspondente. Na respectiva proposta, assinada por Júlio Dantas, Augusto de Castro, Reynaldo dos Santos e Aquilino Ribeiro, salientava-se que Delfim Santos «à causa da Pedagogia e da Filosofia tem dado não só uma extraordinária capacidade de estudo como de renovação, fundindo numa sólida erudição uma cultura sempre rejuvenescida e atenta aos problemas da juventude universitária». Em Outubro de 1963 passava a sócio efectivo da secção de Belas-Letras e Filosofia. Com efeito, também na Academia se distinguiu, quer pela modernidade e poder aliciante das suas comunicações e comentários, quer pela arte do convívio, que como poucos soube cultivar.

Quando, inesperadamente, em 25 de Setembro de 1966, Delfim Santos faleceu, o lugar-comum dos elogios fúnebres era, desta vez, uma verdade amarga:

deixava um vazio que, por muito tempo, será impossível preencher – tão raros têm sido, no nosso país, os pensadores genuínos e os pedagogistas dignos deste nome. A presença humana de Delfim Santos era ainda um grande motivo de esperança, um estímulo insubstituível. Mas o pessimismo que invade quem de perto o conheceu ao evocar a trajetória da sua existência atenua-se, porventura se dilui, quando se considera no conjunto a obra densa e fecundante, plena de virtualidades indefinidas, que nos legou, que escreveu porque e apesar de, e que nos cumpre agora estudar e divulgar.

Março de 1968.

J. DO PRADO COELHO